

Era noitinha. A avenida Passos regorgitava de automoveis de luxo, plena de luz e de movimento. E, enquanto os sujeitos felizes procuravam, no coração enorme da cidade, as casas alegres da noite, uma grande multidão de pessoas, ricas e pobres, subia com humildade as escadas do grande edificio, para se curvarem sobre o Evangelho, procurando aí a lição divina e o socôrro espiritual. E, antes que me confundisse, de novo, com as coisas de minha nova vida, lembrei-me das primitivas assembléias cristãs, onde se misturavam todas as posições sociais, no exemplo de fraternidade apostolica, no recanto humilde das catacumbas romanas.

Pedro Richard estava com a razão.

É verdade que Nero não está hoje no poder, mas os circos dos suplicios foram substituidos, prevalecendo a mesma perversidade entre os homens, envenenando-lhes o coração. Aos funestos efeitos de uma nova aliança com Constantino, é preferível, portanto, esclarecer e iluminar o coração de Constantino.

2 de Agosto de 1937.

Hoje, mamãe, eu não te escrevo daquele gabinete, cheio de livros sabios, onde o teu filho, pobre e enfermo, via passar os espetros dos enigmas humanos, junto da lampada que, aos poucos, lhe devorava os olhos, no silencio da noite.

A mão que me serve de porta-caneta é a mão cansada de um homem pauperrimo, que trabalhou o dia inteiro, buscando o pão amargo e cotidiano dos que lutam e sofrem. A minha secretária é uma tripeça tosca á guisa de mesa e as paredes que me rodeiam são nús e tristes, como aquelas de nossa casa desconfortavel em Pedra do Sal. O telhado sem fôrro deixa passar a ventania lamentosa da noite e deste remanso humilde, onde a pobreza se esconde, exausta e desalentada, eu te escrevo, sem insonias e sem fadigas, para contar-te que ainda estou vivendo para amar e querer a mais nobre das mães.

Queria voltar ao mundo que eu deixei para ser novamente teu filho, desejando fazer-me um menino, aprendendo a rezar com o teu espirito santificado nos sofrimentos.

A saudade do teu afeto leva-me constantemente á essa Parnaíba das nossas recordações, cujas ruas arenosas, saturadas do vento

salitroso do mar, sensibilizam a minha personalidade e, dentro do crepusculo estrelado de tua velhice cheia de crença e de esperança, vou contigo, em espirito, nos retrospectos prodigiosos da imaginação, aos nossos tempos distantes. Vejo-te com os teus vestidos modestos em nossa casa da Miritiba, suportando com serenidade e devotamento os caprichos alegres de meu pai. Depois, faço a recapitulação dos teus dias de viuvez dolorosa, junto da máquina de costura e do teu "terço" de orações, sacrificando a mocidade e a saúde pelos filhos, chorando com eles a orfandade que o destino lhes reservara e, junto da figura gorda e risonha da Midoca, ajoelho-me aos teus pés e repito:

— "Meu Senhor Jesus Cristo, se eu não tiver de ter uma boa sorte, levari-me deste mundo, dando-me uma boa morte."

Muitas vezes, o destino te fez crer que partirias antes daqueles que havias nutrido com o beijo das tuas caricias, demandando os mundos ermos e frios da Morte. Mas, partimos e tu ficaste. Ficaste no cadinho doloroso da Saudade, prolongando a esperança numa vida melhor no seio imenso da Eternidade. E o culto dos filhos é o consolo suave do teu coração. Acariciando os teus netos, guardas com o mesmo desvelo o meu cajueiro, que aí ficou como um simbolo, plantado no coração da terra par-

naibana, e, carinhosamente, colhes das suas castanhas e das suas folhas fartas e verdes, para que as almas boas conservem uma lembrança do teu filho, arrebatado no turbilhão da Dor e da Morte.

Ao Mirocles, mamãe, que providenciou quanto ao destino desse irmão que aí deixei, enfeitado de flores e passarinhos, estuante de seiva, na carne moça da terra, pedi velasse pelos teus dias de isolamento e velhice, substituindo-me junto do teu coração. Todos os nossos te estendem as suas mãos bondosas e amigas e é assombrada que, hoje, ouves a minha voz, através das mensagens que tenho escrito para quantos me possam compreender. Sensibilizam-me as tuas lágrimas, quando passas os olhos cansados sobre as minhas paginas póstumas e procuro dissipar as dúvidas que torturam o teu coração, combalido nas lutas. Assalta-te o desejo de me encontrares, tocando-me com a generosa ternura de tuas mãos, lamentando as tuas vacilações e os teus escrúpulos, temendo aceitar as verdades espiritas, em detrimento da fé católica, que te vem sustentando nas provações. Mas, não é preciso, mamãe, que me procures nas organizações espiritistas e, para creres na sobrevivência do teu filho, não é preciso que abandones os princípios da tua fé. Já não ha mais tempo para que



o teu espirito excursione em experiencias no caminho vasto das filosofias religiosas.

Numa de suas paginas, dizia Coelho Netto que as religiões são como as linguagens. Cada doutrina envia a Deus, a seu modo, o voto de sua suplica ou de sua adoração. Muitas mentalidades entregam-se aí no mundo aos trabalhos elucidativos da polemica ou da discussão. Chega, porém, um dia em que o homem acha melhor repousar na fé a que se habituou, nas suas meditações e nas suas lutas. Esse dia, mamãe, é o que estás vivendo, refugiada no conforto triste das lagrimas e das recordações. Ascendendo ás culminancias do teu Calvario de saudade e de angustia, fixas os teus olhos na celeste expressão do Crucificado e Jesus, que é a providencia misericordiosa de todos os desamparados e de todos os tristes, te fala ao coração dos vinhos suaves e doces de Caná, que se metamorfosearam no vinagre amargo dos martirios, e das palmas verdes de Jerusalém, que se transformaram na pesada corôa de espinhos. A cruz então se te afigura mais leve e caminhas. Amigos devotados e carinhosos te enviam de longe o terno consolo dos seus afetos e, prossequindo no teu culto de amor aos filhos distantes, esperas que o Senhor, com as suas mãos prestigiosas, venha de-

cifrar para os teus olhos os grandes misterios da Vida.

Esperar e sofrer têm sido os dois grandes motivos, em torno dos quais rodopiaram os teus quasi setenta e cinco anos de provações, de viuvez e de orfandade.

E eu, minha mãe, não estou mais aí para afagar-te as mãos tremulas e os teus cabelos brancos que as dores santificaram. Não posso prover-te de pão e nem guardar-te da fúria da tempestade, mas, abraçando o teu Espirito, sou a força que adquires na oração, como se absorvesse um vinho misterioso e divino.

Inquirido, certa vez, pelo grande Luiz Gama, sobre as necessidades de sua alforia, um jovem escravo lhe observou:

— “Não, meu Senhor!... a liberdade que me oferece me doeria mais que o ferrete da escravidão, porque minha mãe, cansada e decrepita, ficaria sozinha nos misterios do cativoiro.”

Se Deus me perguntasse, mamãe, sobre os imperativos da minha emancipação espiritual, eu teria preferido ficar, não obstante a claridade apagada e triste dos meus olhos e a hipertrofia que me transformava num monstro, para levar-te o meu carinho e minha afeição, até que pudessemos partir juntos, desse mundo onde sonhamos tudo para nada alcançar.

Mas, se a Morte parte os grilhões frágeis do corpo, é impotente para dissolver as algemas inquebrantáveis do espírito.

Deixa que o teu coração prossiga, oficiando no altar da saudade e da oração; cantaro divino e santificado, Deus colocará dentro dele o mel abençoado da esperança e da crença, e, um dia, no portal ignorado do mundo das Sombras, eu virei, de mãos entrelaçadas com a Midoca, retrocedendo no tempo, para nos transformarmos em tuas crianças bem amadas. Seremos agasalhados então nos teus braços cariciosos, como dois passarinhos minúsculos, ansiosos da doçura quente e suave das asas de sua mãe, e guardaremos as nossas lágrimas nos cofres de Deus, onde elas se cristalizam como as moedas fulgurantes e eternas do erário de todos os infelizes e desafortunados do mundo.

Tuas mãos segurarão ainda o "terço" das preces inesquecidas e nos ensinarás, de joelhos, a implorar, de mãos postas, as bênçãos prestigiosas do Céu. E, enquanto os teus lábios sussurrarem de mansinho — "Salve Rainha... mãe de misericórdia..." — começaremos juntos a viagem ditosa do Infinito, sob o docel luminoso das nuvens claras, tenues e alegres do Amor.

## TRAGO-LHE O MEU ADEUS SEM PROMETER VOLTAR BREVE

Apreciando, em 1932, o "Parnaso de Além Tumulo", que os poetas desencarnados mandaram ao mundo por intermédio de você, chamei a atenção dos estudiosos para a incognita que o seu caso apresentava. Os estudiosos, certamente, não apareceram. Deixando, porém, o meu corpo minado por uma hipertrofia renitente, lembrei-me do acontecimento. Julgára eu que os bardos "do outro mundo", com a sua originalidade estilizar, se comprometiam pela eternidade da produção, no falso pressuposto de que se pudessem identificar por outra forma. Encontrando ensejo para me fazer ouvir, através de suas mãos, escrevi crônicas póstumas que o Sr. Frederico Figner transcreveu nas colunas do "Correio da Manhã".

Não imaginei que o humilde escritor desencarnado estivesse ainda na lembrança de quantos o viram desaparecer. E as minhas palavras provocaram celeuma. Discutiu-se e ainda se discute.

Você foi apresentado como habil fazedor de pastiches e os noticiaristas vieram averiguar o que havia de verdadeiro em torno do seu nome.

Colheram informes. Conheceram a ho-